



## MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: PAPÉIS DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO "CIDADÃO MODERNO" (FLORIANÓPOLIS/SC - 1946 A 1951)

### *MODERNITY AND EDUCATION: SCHOOL ROLES IN THE FORMATION OF MODERN CITIZEN (FLORIANÓPOLIS- 1946 TO 1951)*

CAROLINA RIBEIRO CARDOSO DA SILVA<sup>1</sup>  
lola@projetocrer.org

#### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar vestígios de práticas escolares ligadas a diferentes papéis assumidos pela escola na formação do "cidadão moderno", evidenciados na materialidade de documentos ligados ao Grupo Escolar Lauro Müller, inaugurado em 1912, na região central da cidade de Florianópolis. Como primeiro grupo da capital catarinense, essa instituição tornou-se modelo de modernização pedagógica para o Estado de Santa Catarina na chamada "Reforma Orestes Guimarães", por meio da qual se buscou reformar o ensino público catarinense. Apesar de ter sua criação associada à primeira década do século XX, este artigo pretende dar visibilidade a práticas registradas em quatro relatórios escritos pela diretora da instituição nos anos 1946, 1947, 1950 e 1951, que evidenciam a permanência do discurso moderno ainda em meados do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupo Escolar Lauro Müller • Modernidade • Educação.

#### ABSTRACT

This paper aims to present traces of school practices related to different roles played by the school in the formation of "modern citizen", as evidenced in the materiality of documents related to Lauro Müller Elementary School, opened in 1912, in the central city of Florianópolis. As the first group of the capital of Santa Catarina, this institution became a model for modernizing teaching in the state of Santa Catarina in the "Orestes Guimarães Reform", which sought to reform Santa Catarina public education. Despite its creation associated with the first decade of the twentieth century, this article aims to give visibility to practices recorded in four reports written by the institution director in the years 1946, 1947, 1950 and 1951, which show the permanence of modern discourse even in the middle of twentieth century.

**KEY-WORDS:** Lauro Müller school group • Modernity • Education.

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado – da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPG. E./UDESC), na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação.



## INTRODUÇÃO

O grupo escolar é frequentemente representado na historiografia da educação brasileira como um modelo de escola primária graduada que sintetizava as expectativas pedagógicas e políticas de racionalização e modernização social e educativa. Sua inserção no sistema de ensino brasileiro aparece associada ao advento da República e, conforme indicado em diversas pesquisas da área, teve o estado de São Paulo como pioneiro na implantação desse modelo de escola, em 1893. Ao longo do século XX diversos grupos escolares foram sendo criados em outros estados na Federação, por meio de reformas que objetivavam, entre outras coisas, a reorganização do ensino público. Em Santa Catarina a inauguração do primeiro grupo escolar se deu em 1911, no município de Joinville. No ano seguinte é inaugurado o primeiro grupo da capital catarinense: o Grupo Escolar Lauro Muller que, assim como os demais grupos criados nesse período, fazia parte de um projeto político que tomava a escola como um lócus de instauração e consolidação de um modo de vida que se pretendia moderno e civilizado.

Tal pretensão não esteve restrita às primeiras décadas do século XX, pelo contrário, a função da escola como propagadora de valores ligados à modernidade pode ser percebida ainda nas décadas de 1940 e 1950, como pretendemos evidenciar neste artigo. Para tanto, tomamos como fonte de análise quatro relatórios escritos pela diretora do Grupo Escolar Lauro Müller e Curso Primário Complementar, referentes aos anos de 1946, 1947, 1950 e 1951, que foram enviados ao Departamento de Educação do Estado de Santa Catarina, sob a direção

de Elpídio Barbosa. Ao realizar a leitura desses documentos foi possível encontrar, entre outras coisas, vestígios de um discurso moderno e sua relação com a escola, instituição vista como um local privilegiado para a formação do "cidadão moderno". Assim, os relatórios aqui analisados constituem-se em importantes documentos de (re)construção de memórias da instituição e de sua preservação, contribuindo para a compreensão, ainda que fragmentada, de hábitos, preceitos, ideais e representações de uma outra época.

Segundo Ernildo Stein (2001, p. 17), "[...] a modernidade é o ponto ao qual chegou o movimento iluminista. Assim, a questão da modernidade se liga, fundamentalmente, também, à questão da ciência". Defendendo como eixo principal a razão, a modernidade buscava formar uma sociedade do conhecimento, da beleza, da moral e da ordem, aspectos que podem ser evidenciados nas páginas dos relatórios analisados. Podemos perceber que o empreendimento moderno influenciou não apenas a arquitetura dos prédios escolares ou a paisagem dos centros urbanos, mas também os discursos e práticas escolares, por meio da crença de que, para modernizar a sociedade seria necessário modernizar a escola, seguindo o modelo estadunidense e europeu, como afirmam Valdemarim e Souza (2011, p. 12): "os princípios de racionalidade administrativa e pedagógica estavam em absoluta sintonia com o movimento de modernização da educação popular em circulação no Brasil e nos Estados Unidos e países europeus considerados os mais adiantados na época".

Para efeitos da escrita deste artigo, optou-se pela organização em três itens:



no primeiro são pinçados trechos dos relatórios no intuito de identificar nesses documentos a presença de práticas utilizadas para moralizar, civilizar e ordenar as condutas dos alunos; no segundo são apontadas estratégias voltadas à disciplinarização de corpos e mentes; no terceiro e último item são contempladas algumas práticas vinculadas a preceitos higienistas que estiveram presentes no cotidiano do Grupo Escolar Lauro Müller. A discussão acerca da modernidade aparecerá como pano de fundo ao longo do texto.

### **1. Moralizar, civilizar, ordenar: papéis da escola na produção do "cidadão moderno"**

Os objetivos ligados à criação dos grupos escolares em Santa Catarina estavam afinados com "o movimento nacional de crença no papel decisivo da educação do povo na resolução dos problemas da sociedade brasileira e, muito particularmente, do papel da escola primária na produção do 'cidadão moderno'" (TEIVE; DALLABRIDA, 2011, p. 35). Assim, o projeto modernizante encontrou no espaço escolar um solo fértil para seu desenvolvimento. Para realizar a "função" de formar desse cidadão, a escola precisava modificar sua forma, difundir novos hábitos e comportamentos no seu interior, de maneira a tornar-se mais eficaz na disseminação dos ideais modernos, devendo, para tanto, "civilizar e moralizar o povo, disciplinando seus corpos e mentes para a modernidade [...]" (TEIVE, 2008, p. 33).

Quase quatro décadas após a criação do primeiro G. E. em Santa Catarina, os saberes e habilidades prescritos para essas instituições permaneciam entrelaçados com a valorização do aspecto moral, como se pode observar no Capítulo I do Regulamento para os Estabelecimentos

de Ensino Primário no Estado de Santa Catarina, de 1946, que estabelece como uma das finalidades do ensino primário "proporcionar a iniciação cultural que a todos conduza ao conhecimento da vida nacional, e ao exercício das virtudes morais e cívicas que a mantenham e a engrandecem, dentro de elevado espírito de fraternidade humana" (SANTA CATARINA, 1946, p. 3 – grifos meus). Mais adiante, no mesmo regulamento, o caráter moralizador é novamente mencionado:

Art. 18 – Ao grupo escolar compete, pelo seu ambiente, pela ação do diretor, dos professores e dos funcionários e pela organização, de seus programas, uma obra intensa de educação integral, que se realizará: [...] d) – pela educação moral que utilize todos os meios de impressionar o espírito da criança no sentido de G. E. rar e despertar a consciência do dever (liga da bondade). (SANTA CATARINA, 1946, p. 6 – grifo meu)

A escola, desta forma, assume como um de seus papéis propagar os valores morais para a sociedade, como fica evidenciado nas palavras da diretora no relatório de 1947, quando esta fala sobre os programas de ensino do Curso Primário Elementar, salientando que estes "Têm valor pela sua clareza e simplicidade, pela harmonia do seu conjunto, perfeitamente adaptável à Escola que instrue, que educa: moral e socialmente" (GRUPO..., 1947, p. 8 – grifos do original).

Em diversas partes dos relatórios analisados, também foi possível perceber práticas destinadas a civilizar, uma vez que se considerava que uma sociedade moderna era uma sociedade civilizada. O nível de civilização dos sujeitos envolvidos no processo educacional evidenciava, assim, o "sucesso" ou o "fracasso" dos ideais modernos numa determinada



instituição de ensino. Os alunos precisariam aprender, portanto, a se portar civilizadamente, já que "A civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto", como nos lembra Bauman, ao citar Freud (BAUMAN, 1998, p. 8). No capítulo intitulado Provas e Exames (GRUPO..., 1947), a diretora apresenta uma relação com os pontos sorteados para compor a avaliação dos alunos do grupo. Abaixo, aparecem àqueles selecionados na disciplina Conhecimentos Gerais, a saber:

*2ª série* – quatro questões (fila A e B) extraídas dos assuntos: Civilidade – uso das fórmulas: "com licença, por favor, desculpe-me"; bondade, asseio, repartições públicas. *3ª série* – Idem – Civilidade; Pátria, imposto; mastigação, combate às moscas, poeira. *4ª série* – Idem – Cortezia; Pátria, eleição, tuberculose, outros males contagiosos. (GRUPO..., 1947, p. 15 – grifo meu)

Para além dos conteúdos "escolares", este excerto nos indica que a disciplina de Conhecimentos gerais voltava-se também a questões comportamentais e de higiene, reforçando a função civilizadora que a escola assumia neste contexto.

No mesmo relatório, ao escrever sobre a cooperação social nos recreios, a diretora relata que "evita-se o brinquedo violento e procura-se dar muita atenção nos jogos, para que se consiga vencer a tendência dos meninos para brinquedos que devem ser condenados: 'quadrilhas', 'mocinho', lutas e outros mais" (GRUPO..., 1947, p. 22). Com base neste trecho é possível inferir que, mesmo nas brincadeiras realizadas fora da sala de aula, havia uma orientação para o seguimento de uma conduta mais civilizada e moralmente aceita.

Intrinsecamente ligada aos processos civilizatórios, a ordem também aparece

como uma virtude na sociedade moderna, enquanto a desordem é vista como um mal a ser combatido. De acordo com Zigmunt Bauman (1998, p. 15), "'Ordem' significa um meio regular e estável para nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita [...]"; sendo um dos pilares do empreendimento moderno. Nos relatórios analisados, a ordem estabelecida no Grupo Escolar Lauro Müller era frequentemente ressaltada pelos inspetores que visitavam o local. Em um trecho do relatório de 1951, a diretora da escola é elogiada pelo inspetor por sua "capacidade de trabalho, competência e espírito de ordem e justiça" (GRUPO..., 1951, p. 16). Ainda neste documento, ao enviar um comunicado aos pais, a diretora faz um pedido aos mesmos que evidencia a preocupação com esta questão na instituição:

Pedimos aos srs pais o grande favor de não deixar que seus filhos venham muito cedo para o Grupo, especialmente os da tarde, para que não fiquem a fazer desordens pelas ruas ou pelos pátios do recreio. As aulas começam à 1 hora; basta estar aqui 5 ou 10 minutos antes. (GRUPO..., 1951, p. 32)

Contudo, pode-se perceber através destes relatórios que nem todos os alunos se submetiam às recomendações de manutenção da ordem. Bauman (1998, p. 8) salienta que "os prazeres da vida civilizada, e Freud insiste nisso, vêm num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião". Aos rebeldes que insistiam em não se adaptar à conduta imposta, caberiam as medidas disciplinares.

## 2. Estratégias para disciplinar corpos e mentes



Com a proibição dos castigos físicos, novas medidas deveriam ser tomadas para a manutenção da disciplina, que não desapareceu com o advento da pedagogia moderna, mas tomou novas formas no interior das instituições escolares. Segundo Teive (2008, p. 63), "A palmatória, os bolões e os beliscões, os castigos físicos de modo geral deveriam ser substituídos por novas práticas pedagógicas, por constrangimentos mais sutis [...]", mas mantendo-se "o antigo tripé: 'manter, imprimir e reprimir', só que agora, 'com o coração e o cérebro', tal como costumava afirmar Orestes Guimarães" (TEIVE, 2008, p. 64).

A importância dada à disciplina fica evidente nos relatórios analisados, tendo um capítulo destinado à descrição da mesma em cada um dos quatro documentos. Sobre esse aspecto, a diretora diz: "A disciplina, tanto nas aulas, como nas festas internas e externas é boa. Há elementos que, uma vez ou outra, procuram perturbar a ordem" (GRUPO..., 1946, p. 6), ou ainda, "É boa. Há entretanto, todos os anos, aquêles para os quais não basta o conselho, a palavra amiga. A essas foram aplicadas as seguintes penas regulamentares [...]" (GRUPO..., 1951, p. 5). As penas apontadas nesses relatórios variam entre admoestação, repreensão e/ou suspensão.

Na tentativa de manter a disciplina mesmo com a proibição dos castigos físicos, a pedagogia moderna deveria inculcar nas crianças a autorregulação, ou seja, "o aluno teria que ser conscientizado do papel que jogava no interior da escola, a fim de que pudesse ser capaz de julgar e criticar os seus atos, depois dos resultados obtidos na atividade prática" (TEIVE; DALLABRIDA, 2011, p. 123). Esta estra-

tégia disciplinar pode ser observada em um dos relatórios, no qual a diretora registra que:

Tôda a disciplina foi orientada, no sentido de as crianças terem larga visão sobre o que pode ser feito e o que deve ser evitado; do bem que resulta de uma boa ação e do mal que trazem as atitudes que contrariam a ordem e a disciplina. Todos os castigos foram aplicados à margem de compreensão da criança, de maneira que ela própria pudesse analisar a sua presente situação e ver se é a escola que é severa, ou se é ela que contraria a boa disciplina do meio em que se educa. (GRUPO..., 1946, p. 7 – grifo do original)

Desta forma, pretendia-se disciplinar não apenas o corpo, mas a mente dos alunos, no intuito de que cada um pudesse realizar a autodisciplina através do controle de suas pulsões e desejos individuais, regulando seu comportamento com base nos padrões esperados para uma sociedade civilizada. O Regulamento de 1946, por sua vez, determinava aos grupos escolares catarinenses que "A disciplina escolar deve repousar na afeição recíproca entre professores e alunos, de modo que êstes não sejam dirigidos pelo temor, mas pelo exemplo e pela persuasão" (SANTA CATARINA, 1946, p. 29). Além disso,

A disciplina, em todos os assuntos da vida escolar, deverá ser mais preventiva do que repressiva, para o que os professores e os diretores explicarão aos alunos os inconvenientes da sua falta, de modo a despertar-lhes o sentimento de honra, a idéia do dever, o estímulo e a legítima ambição, antes de usarem dos prêmios e das punições. (SANTA CATARINA, 1946, p. 30 e 31 - Art. 210)

Neste mesmo documento, aparece em destaque que "Ao diretor e aos professores é expressamente proibido o uso de castigos físicos" (SANTA CATARINA,



1946, p. 31 - Art. 215). Assim, como uma forma de disciplinamento e estímulo à autorregulação, os grupos escolares podiam utilizar mecanismos de premiação-punição, materializados no Livro de Honra e no Livro Negro, respectivamente.

Apesar de estudos apontarem para o uso do Livro Negro nos grupos escolares catarinenses, especialmente nas primeiras décadas do século XX, não há nos relatórios analisados nada a respeito desse material, apenas registros sobre o Livro de Honra. Sobre este, consta no relatório de 1950 que "Assinaram o Livro de Honra, 29 alunos, que receberam um cartão – HONRA AO MÉRITO – e prêmios" (GRUPO..., 1950, p. 6) e a informação de que, na festa de encerramento do ano letivo, uma das atividades realizadas foi a "Entrega de prêmios aos alunos que assinaram o Livro de Honra" (GRUPO..., 1951, p. 55). Desta forma, não é possível saber se o Livro Negro não era utilizado no G. E. Lauro Müller nos anos em que os relatórios foram escritos, ou se o uso deste material foi apenas "silenciado" durante o processo de escrita.

### 3. Lições de higiene e civilidade

Os preceitos higienistas também aparecem de maneira recorrente nos discursos da pedagogia moderna, fruto da influência de concepções médico-higienistas que se aliavam à escolarização especialmente a partir do final do século XIX. Mas, mesmo em meados do século XX, a necessidade de higienizar recebeu atenção no interior dos grupos escolares.

Bauman (1998) nos ajuda a entender a permanência de certos hábitos de limpeza ao longo dos anos quando afirma que "os modelos de pureza, os padrões a

serem conservados mudam de uma época para outra, de uma cultura para outra – mas cada época e cada cultura tem um certo modelo de pureza e um certo padrão ideal a serem mantidos [...]" (BAUMAN, 1998, p. 16). No caso do G. E. Lauro Müller, nota-se que esse padrão tem como característica a preocupação com a higiene e a limpeza que fica evidenciada em trechos dos relatórios analisados.

No documento de 1947, por exemplo, ao expor os melhoramentos necessários a serem feitos na cozinha da escola, a diretora menciona a falta de "uma serpentina para água quente e um tanque, para esterilização das canecas" e acrescenta que "Não há um reservatório onde esse trabalho, de suma necessidade, possa ser feito diariamente" (GRUPO..., 1947, p. 2). O simples ato de solicitar a compra de materiais que favoreçam a esterilização das canecas dos alunos demonstra, além da preocupação com a saúde das crianças, a influência da ciência nos hábitos sociais modernos.

A atenção à higiene também estava associada ao ato de civilizar as crianças, disciplinando seus corpos e estabelecendo condutas mais condizentes com uma sociedade civilizada. Nas instruções gerais do regulamento de 1946, aparecem recomendações aos diretores e professores dos grupos escolares quanto à higiene e estética corporal dos alunos. Vejamos:

Art. 323 – Os diretores e os professores deverão zelar constantemente pela boa posição dos alunos, pois, a questão da compostura e das atitudes, afeta, também, a saúde, além de afetar a estética, para o que os diretores e professores se esforçarão: [...] 3 – por tornar efetiva a proibição aos alunos: a) – cuspirem no chão; b) – merendarem nas salas de aula; c) – merendarem com as mãos sujas; d)



– embrulharem os lanches em jornais ou colocá-los nos bolsos. (Recomenda-se o uso de papel limpo); e) – aglomerarem-se e fazerem paradas nos dejetórios e mic-tórios; f) – virem para a escola em jejum; g) – conservarem os calçados quando ês-tes estiverem umedecidos; h) – deixarem de se apresentar ao professor logo que sintam qualquer incômodo; i) – levarem o lápis à boca. (SANTA CATARINA, 1946, p. 48)

Apesar de não ser possível afirmar de que forma essas recomendações foram (ou não) apropriadas no interior do G. E. Lauro Müller é possível encontrar vestí- gios de preceitos de higiene nas páginas dos relatórios analisados, evidenciando a presença do discurso médico-higienis- ta nesse estabelecimento de ensino e a importância do asseio, tanto dos corpos quanto dos objetos e espaços onde as crianças circulavam.

No relatório de 1951, por exemplo, ao escrever sobre os dois prédios que com- punham a escola, a diretora relata que "Reina, em ambos os prédios, asseio e hi- giene" (GRUPO..., 1951, p.1). O fato desta informação ser registrada num documen- to que seria enviado ao Departamento de Educação, demonstra o interesse em mostrar às autoridades educacionais da época que tal instituição estava atenta às recomendações higienistas para os gru- pos escolares. No relatório de 1946, apa- rece no termo de inspeção uma expres- são bastante parecida com a utilizada pela diretora no trecho citado anterior- mente, mas desta vez é o inspetor quem afirma que "neste Grupo reina asseio e disciplina" (GRUPO..., 1946, p. 12).

Para auxiliar o trabalho de higieniza- ção, deveria ser criado nos grupos esco- lares o "Pelotão de Saúde". No caso do G. E. Lauro Müller, o Pelotão de Saúde

levava o nome de "Osvaldo Cruz", sendo fundado, de acordo com informações re- gistradas no relatório de 1951, no dia 23 de agosto de 1941. Neste documento, a secretária relata terem sido realizadas 7 (sete) reuniões desta associação duran- te aquele ano, sendo tratados assuntos como asseio e ordem, higiene do corpo e cuidado com as feridas, a higiene no lar, limpeza dos dentes, higiene da alimenta- ção, higiene das patentes, entre outros. A presença destas temáticas represen- ta um pouco o intuito de higienizar não apenas a escola, mas a sociedade, pois as lições aprendidas no G. E. possivelmente repercutiriam nos hábitos dos alunos no seio de suas famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fontes documentais exploradas, es- pecialmente os relatórios do G. E. Lauro Müller, permitiram encontrar indícios da pedagogia moderna em meados do sécu- lo XX e discursos envolvendo a moral, a ordem, a disciplina e a higiene, que po- dem ser associados ao desejo de civilizar a população catarinense com o auxílio da escola.

Apesar do Grupo receber uma popula- ção infantil relativamente pequena (uma média de setecentos alunos por ano) para a demanda social da cidade neste perí- odo, as práticas ali realizadas representa- vam aspectos do modelo de educação moderna que se pretendia consolidar na educação pública catarinense. A escola, neste sentido, era concebida como um lu- gar favorável para a propagação e o esta- belecimento de novos hábitos condizen- tes com a formação do cidadão moderno.

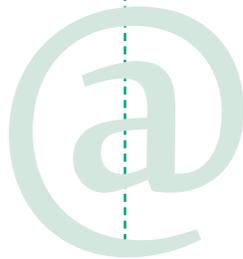
Além disso, é possível perceber que o caráter civilizador permanecia sendo di- fundido ainda em meados do século XX,



não apenas sob orientações presentes na legislação, mas especialmente na relação entre os sujeitos que faziam parte do cotidiano escolar. Essa relação favorecia a formação de hábitos tidos como "civilizados" e comportamentos disciplinados no interior da escola, os quais estavam ligados aos ideais modernos e à crença no progresso, especialmente por meio da ordem.

Analisar os documentos à luz dos referenciais teóricos aqui mobilizados

possibilitou investir numa reflexão para "desnaturalizar" práticas sociais realizadas no G. E. Lauro Müller nos anos 1946, 1947, 1950 e 1951, bem como resignificar o olhar sobre fontes documentais que fizeram parte da cultura material escolar desta instituição. Além disso, a leitura dos relatórios suscitou novos questionamentos e possibilidades de pesquisa sobre a presença do discurso modernizante no interior de grupos escolares catarienses.



#### NOTAS EXPLICATIVAS

(Endnotes)

- 2 Grupo Escolar Conselheiro Mafra.
- 3 O Curso Primário Complementar era constituído por dois anos, podendo ser cursado após a conclusão das quatro primeiras séries do ensino primário.
- 4 Modernidade, de acordo com Antony Giddens (1991, p. 11), "refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência".
- 5 G.E.: Grupo Escolar.
- 6 Não é possível afirmar que após a proibição legal dos castigos físicos, os mesmo foram completamente extintos, porém, o uso deste tipo de estratégia disciplinar estava oficialmente proibido.
- 7 Destacamos aqui as reflexões realizadas por Gladys Mary Ghizoni Teive e Norberto Dallabrida, publicadas no livro "A escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)", de 2011.



## REFERÊNCIAS

**BAUMAN, Z.** O sonho da pureza. In: \_\_\_\_\_. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.13-26.

**GIDDENS, A.** As consequências da modernidade: São Paulo: Universidade Estadual Paulista. 1991.

**GRUPO ESCOLAR LAURO MÜLLER E CURSO PRIMÁRIO COMPLEMENTAR.** Relatório dos trabalhos realizados no Grupo Escolar "Lauro Müller" em 1946: Florianópolis: Acervo Museu da Escola Catarinense. 1946.

**GRUPO ESCOLAR LAURO MÜLLER E CURSO PRIMÁRIO COMPLEMENTAR.** Relatório dos trabalhos realizados no Grupo Escolar "Lauro Müller" em 1947: Florianópolis: Acervo Museu da Escola Catarinense. 1947.

**GRUPO ESCOLAR LAURO MÜLLER E CURSO PRIMÁRIO COMPLEMENTAR.** Relatório dos trabalhos realizados no Grupo Escolar "Lauro Müller" em 1950: Florianópolis: Acervo Museu da Escola Catarinense. 1950.

**GRUPO ESCOLAR LAURO MÜLLER E CURSO PRIMÁRIO COMPLEMENTAR.** Relatório dos trabalhos realizados no Grupo Escolar "Lauro Müller" em 1951: Florianópolis: Acervo Museu da Escola Catarinense. 1951.

**SANTA CATARINA.** Secretaria da Justiça, Educação e Saúde. Departamento de Educação. Regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina: Decreto n. 3.735 de 17 de dezembro de 1946: Florianópolis: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. 1946.

**STEIN, E.** Paradoxos da modernidade. In: \_\_\_\_\_. Epistemologia e crítica da modernidade. Rio Grande do sul: UNIJUÍ, 2001. p.13-31.

**TEIVE, G. M. G.** Uma vez normalista, sempre normalista: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico – (Escola Normal Catarinense – 1911 – 1935): Florianópolis: Insular. 2008.

**TEIVE, G. M. G.; DALLABRIDA, N.** A escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911 – 1918): Campinas, SP: Mercado das Letras. 2011.

**VALDEMARIN, V. T.; SOUZA, R. F.** Ver para compreender (prefácio). In: \_\_\_\_\_. TEIVE, G. M. G.; DALLABRIDA, N. A escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911 – 1918). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p.11-13.

**RECEBIDO** em 28/10/2013

**APROVADO** em 14/12/2013